

Sobre o livro *Les Kayapo du Nord — État de Para-Brésil — Contribution à l'Étude des Indiens Gé*, de Simone Dreyfus. Paris, Mouton & Co., 1963. (École Pratique des Hautes Études, Sorbonne; Sixième Section: Sciences Économiques et Sociales; Le Monde d'Outre-Mer Passé et Présent; Première Série; Études XXIV) 213 pp., 27 fotos, 13 esquemas, 2 mapas e bibliogr.

Resenha publicada em *América Latina*, ano 7, nº 3, pp.118-121. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, 1964.

[Tabela inicial](#)

[Lista das Resenhas](#)

Em bela apresentação tipográfica e ilustrado com ótimas fotografias, este trabalho de Simone Dreyfus tem implicitamente por mira dois objetivos: a) descrever a cultura dos índios Kayapó; b) caracterizar a cultura dos grupos de língua Jê, da qual fazem parte aqueles indígenas.

Quanto ao primeiro objetivo, a Autora o realiza dentro dos limites permitidos por informações colhidas em um período de campo, de pouco mais de cinco meses em aldeias Kayapó, sobretudo na dos Kubenkränkên em 1955. Lança mão também de dados obtidos, em 1954, por Alfred Métraux durante dois meses de convivência com o mesmo grupo tribal. A exposição da cultura Kayapó se mantém num nível de explanação descritiva, em que se examinam separadamente a economia, suas técnicas, a vida familiar e social, a música, os mitos.

As tentativas de explicação surgem apenas quando a Autora se propõe caracterizar a cultura Jê. Inicia-a comparando as estruturas sociais dos Kayapó, Apinayé, Ramkokamekrá e Xerénte, baseando-se nas terminologias do parentesco e nas classes de idade. Termina por concluir que os grupos Jê teriam possuído, todos eles, num momento de sua história, *grupos unilineares de descendência*; caracterizar-se-iam ainda pelo *dualismo* e pela presença de *grupamentos não fundados sobre o parentesco*. Este dualismo estaria sobreposto aos outros elementos constituintes da estrutura social, mantendo-se sempre presente quaisquer que fossem as modificações que eles viessem a sofrer. Quanto às classes de idade, estariam baseadas na oposição fundamental entre homens solteiros e casados. Como estes últimos constituem o elemento mais ativo e qualitativamente mais importante da sociedade, a necessidade de dinamizá-lo explicaria a sua divisão em segmentos opostos entre si, como metades masculinas, sociedades de homens, podendo as próprias classes de idade tomar o aspecto de associações masculinas ("promoções", segundo a Autora), levando, desse modo, à rutura do caráter uniforme e estático do ambiente reinante no interior do grupo constituído pelos homens casados. Tais metades, associações e classes constituiriam, assim, os grupamentos não fundados sobre o parentesco. A razão da existência de tais grupos estaria no fato da integração social do indivíduo não se realizar entre os Jê por meio de grupos assentados no parentesco, como clãs, linhagens ou metades exogâmicas, que teriam desaparecido, como sugere a Autora, por causa das transformações ocorridas nos modos de descendência, ou então por serem os seus sistemas de parentesco muito flutuantes, muito cheios de variantes potenciais para poderem fornecer o princípio de todas as relações sociais.

Enquanto descreve apenas a cultura Kayapó, Simone Dreyfus se mantém numa abordagem sincrônica, isto é, apresenta-a como a surpreendeu num dado momento, ou seja, no período 1954-1955. Entretanto, quando passa a defrontá-la com as culturas dos demais grupos Jê, os diversos sistemas sócio-culturais são examinados mais como etapas

de contínuos temporais, o que, em última análise, leva o leitor a acreditar serem eles ramos de um tronco comum. Isso se torna patente quando, ao tratar das terminologias do parentesco, procura não só correlacionar os termos com outros elementos atuais presentes na estrutura social, mas também apela para a sobrevivência de termos que corresponderiam a uma situação anterior. Assim, por exemplo, interpreta a classificação de tipo Omaha para primos, encontrada entre os Kayapó, como indício de um sistema de linhagens patrilineais das quais não se encontram mais vestígios na organização social. Nota-se, porém, no trabalho, uma aparente conciliação entre essa tendência para interpretar a estrutura social evolutivamente e a preocupação de não deixar de levar em conta a difusão devida ao contato inter-tribal. Por isso, embora a filiação a um mesmo grupo lingüístico possa frequentemente significar uma mesma origem para diversas populações tribais, a Autora exclui das comparações os Kaingang. Por outro lado, grupos pertencentes a outras famílias lingüísticas, como os Mundurucu e os Tapirapé, mas espacialmente contíguos aos Jê centrais e setentrionais, são chamados a fornecer elementos para confirmar os argumentos da etnóloga. Os mitos, sobretudo, são examinados sob este último ponto de vista: a Autora procura identificar versões de mitos e de frases míticas, presentes entre os Kayapó, em outros grupos da América do Sul. Deste modo, aceita que os Toba e os Matabo, do Chaco, os Jê, os Bororo, os Tenetehára e, talvez, os Tapirapé e os Karajá provavelmente façam parte de uma mesma "família mitológica", a que estariam aparentadas as populações Karib e Arawak da região guianense. Os Jê do norte, no que concerne aos mitos, ficariam mais próximos dos grupos guianenses e chaquenhos do que dos Botocudos e Kaingang.

O capítulo IV – "Les problèmes de la structure social des Kayapo confrontés à ceux des autres Gé" – contém implicações teóricas do maior interesse para aqueles que se dedicam ao estudo de grupos do Brasil Central. A hipótese mais importante levantada por Simone Dreyfus neste capítulo é a de que os Jê teriam possuído anteriormente grupos unilineares de descendência, os quais desapareceram por causa da transmissão de nomes, que não segue uma regra unilinear. Por sua vez, a transmissão de nomes teria chegado a provocar o aparecimento de novos grupos matrimoniais que substituiriam o sistema unilinear ou funcionariam independentemente do mesmo. Tais segmentos de função matrimonial seriam os "grupos patronímicos" Kayapó, os "grupos da praça" Ramkokamekrá e os "Kiyé" Apinayé. Trata-se de uma hipótese inspirada num trecho de Nimuendajú, citado pela Autora no capítulo III (pág. 84), no qual aquele etnólogo acha possível que os "grupos da praça" Canelas teriam tido origem em clãs localizados espacialmente na aldeia. A fragilidade dessa hipótese se deve ao fato de estar assentada em material etnográfico controvertido e insuficiente. Assim, Simone Dreyfus afirma a possibilidade de um caráter matrimonial para os "grupos patronímicos" Kayapó – que seriam sete: dois exclusivamente masculinos, três exclusivamente femininos e dois mistos – apoiada numa informação de um só indígena: haveria uma interdição de casamento entre homens "Tokók" e mulheres "Nyok", bem como entre homens "Bõp" e mulheres "Kokó". Por outro lado ela sugere que os "krö" e as "krãnyet", respectivamente amigos e amigas formais de cada indivíduo, estariam grupados em famílias ou linhagens. Entretanto a investigação de campo de Edson Soares Diniz¹ afirma também que eles são membros de uma mesma linhagem patrilineal, analiticamente falando, e ainda acrescenta que a esposa preferencial é a filha da amiga formal. Se isso for correto, o matrimônio Kayapó permanece ligado a grupos unilineares de descendência, o que contraria a hipótese da Autora. Quanto aos Canelas Simone Dreyfus considera que o papel dos

¹ Diniz, Edson Soares. "Os Kayapó-Gorotire – Aspectos Sócio-culturais do Momento Atual", *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*; Nova Série, Antropologia, n. 18, Belém, 13-12-1962, pp. 21-23.

"grupos da praça" na regulamentação do matrimônio seria posto em evidência pelos seguintes fatos: a) possibilidade de uma mulher ter relações sexuais com o marido da tia paterna que lhe deu nome; b) proibição de união entre o irmão de uma mulher e a irmã de seu marido; c) as equações marido da irmã do pai = marido da irmã = marido da filha para ego masculino e mulher do irmão = mulher do filho para ego feminino (p. 105; lê-se "ego masculino", mas parece erro tipográfico). Falta, porém, a esses argumentos a demonstração de que todos os homens membros de um "grupo da praça" teriam por esposas potenciais as mesmas mulheres. Quanto aos Apinayé, a Autora tenta sugerir que a transmissão de nomes e os "Kiyé" possivelmente se refletem no sistema de parentesco. Para isso tem de fazer um novo exame dos termos de parentesco Apinayé colhidos por Nimuendaju, propondo modificações diferentes das efetuadas por Maybury-Lewis², já que o principal escopo deste último foi demonstrar que os "Kiyé" não regulamentam o matrimônio. Mesmo se as modificações introduzidas pela Autora estivessem corretas, restaria ainda o argumento demográfico de Maybury-Lewis, segundo o qual os Apinayé não têm uma população suficiente para tornar possível o funcionamento dos "Kiyé", tal como definidos por Nimuendajú.

Além da pobreza e discutibilidade das informações em que está apoiada, esta hipótese de Simone Dreyfus tem contra si o seguinte problema, de ordem estrutural: a existência de grupos matrimoniais baseados na transmissão de nomes, que viriam substituir os grupos unilineais com a mesma função, teria de seguir necessariamente a regra segundo a qual todo indivíduo deveria pertencer ao mesmo grupo a que estivesse filiado aquele que lhe tivesse dado o nome. Entretanto, o próprio modo de transferir os nomes, considerado pela Autora como o fator básico da constituição dos novos grupos matrimoniais, continuaria a ser um elemento perturbador para seu funcionamento, se não fosse, por isto mesmo, um obstáculo ao seu aparecimento. Isto porque a regra de transmissão de nomes não se reduz, para só nos referirmos aos Kayapó e aos Canelas, à passagem do nome de um tio materno para o sobrinho e de uma tia paterna para a sobrinha. Seja a citada regra preferencial ou não, sabemos que o indivíduo de sexo masculino pode receber nome de parentes que ocupam outras posições genealógicas, como, entre outros, o avô paterno ou materno, assim como uma mulher pode receber o nome da avó paterna ou materna e outras parentas. Parece que todos os parentes denominados pelo mesmo termo que o tio materno ou a tia paterna podem doar seu nome respectivamente para o homem ou para a mulher³. Ora, supomos que todos os homens que façam parte de Um mesmo grupo matrimonial tenham como esposas potenciais as mesmas mulheres. Isto significaria, por exemplo, que no caso de um indivíduo receber o nome do pai de seu pai, ele deveria contar com a mãe de seu pai entre suas esposas potenciais; e, se além disso, a avó paterna passasse seu nome para a irmã do indivíduo em questão, esta também seria incluída entre suas possíveis cônjuges. Visto que tais uniões seriam consideradas incestuosas, temos de concluir que os "grupos da praça" Canelas e os "grupos patronímicos" Kayapó não parecem ter caráter matrimonial, já que nem sempre indivíduos portadores do mesmo nome, e por isso pertencentes ao mesmo grupo (e é preciso aqui ter em mente que Um grupo congrega vários nomes diferentes), têm as mesmas mulheres como esposas potenciais.

O trabalho tem o mérito de ser a mais extensa tentativa de sistematização do material etnográfico Kayapó, dedicando inclusive Um capítulo à sua música, sendo a Autora a primeira a reconhecer que se trata de estudo de caráter fragmentário e

² Maybury-Lewis, David. "Parallel Descent and the Apinayé Anomaly". *Southwestern Journal of Anthropology*, vol. 16, n. 2, Summer, 1960.

³ Diniz, Edson Soares. *Idem*, p. 19.

incompleto, Entretanto constitui uma importante contribuição para um melhor conhecimento dos grupos indígenas brasileiros e uma fonte indispensável de informações para aqueles que se interessam pelos problemas ligados à organização social dos índios do Brasil Central, suscitando ainda hipóteses que deverão ser definitivamente testadas em outras pesquisas. A leitura deste livro põe em relevo a deficiência do material publicado sobre os grupos Jê e faz ver a necessidade de novas investigações de campo que visem a corrigir e a preencher as lacunas deixadas pelos dados existentes. Sabemos que tais pesquisas foram ou estão sendo realizadas, mas seus resultados até agora só estão parcialmente divulgados.

Julio Cezar Melatti

Tabela inicial

Lista das Resenhas